



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de transferência de recursos do Ministério da Educação para  
manutenção do desenvolvimento do ensino médio público**

**Palácio do Planalto, 12 de novembro de 2004**

Meu querido companheiro Tarso Genro,

Meus caros governadores Ronaldo Lessa, Paulo Souto, Lúcio Alcântara,  
José Reinaldo, Simão Jatene, Cássio Cunha Lima, Wellington Dias, Wilma  
Faria e João Alves,

Minha querida companheira Marisa,  
Secretários de educação dos estados,  
Assessores do Ministério da Educação,  
Meus amigos e minhas amigas,

São dois os momentos históricos da educação brasileira. Primeiro, a  
partir da década de 30, com o grande educador que a Bahia nos deu – Anísio  
Teixeira –, o Brasil conheceu a estruturação do ensino público gratuito.

Mais tarde, uma segunda etapa dominou o cenário educacional: a busca  
da universalização, que tem, inclusive, o Fundo de Manutenção e  
Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério –  
FUNDEF, como consequência.

Afirmo que no nosso governo estamos avançando nesse processo  
histórico, vivendo uma nova etapa decisiva para a educação brasileira: a  
consolidação de um sistema educacional com qualidade. Um sistema capaz de  
formar cidadãos e cidadãs que têm capacidade de interferir no rumo da  
sociedade, porque lêem e compreendem, pensam e expõem criticamente o seu  
pensamento.

A avaliação realizada pelo MEC, através do seu Instituto de Pesquisa,



mostra que os estudantes da terceira série do ensino médio da região Nordeste estão com baixo nível de desempenho no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica, o Saeb. Números de 2003 revelam isso: 10,6 % dos estudantes nordestinos encontram-se em “estágio muito crítico” de aprendizagem e 64,61% em “estágio crítico”. Estes dados são a expressão agravada de uma realidade não apenas regional mas, sim, nacional.

Meus amigos e minhas amigas,

Estamos hoje, aqui, assinando um Protocolo com dez governadores e nos comprometendo com a liberação de 200 milhões de reais para intervenção imediata na reestruturação do ensino médio em todos os estados nordestinos mais o Pará.

Quero enfatizar que são 130 milhões de reais, o Tarso já disse isso, que já foram liberados, mais 70 milhões que nós queremos liberar agora, na próxima terça-feira. Eu acho que o Congresso tem sensibilidade para aprovar esse dinheiro logo.

O crédito suplementar será aplicado em custeio e investimentos, como pagamento de professores e servidores, compra de móveis e equipamentos para as escolas. Cada um dos governadores definirá suas próprias prioridades.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e a quantidade de alunos foram os critérios para a definição do montante dos recursos.

Os estados do Piauí, Maranhão e Ceará receberão R\$ 30 milhões cada um. Alagoas, R\$ 25 milhões; Bahia, R\$ 20 milhões. Os demais estados – Rio Grande do Norte, Pernambuco, Sergipe, Paraíba e Pará – receberão R\$ 10 milhões individualmente.

Minhas senhoras e meus senhores,

Estamos convictos, diante das dificuldades do ensino médio, do passo que necessitamos dar para desenvolver o país.

A qualidade desejada somente será atingida com um novo sistema de financiamento para a educação. Daí a criação do FUNDEB – Fundo de



Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica. Esse novo Fundo tem o objetivo de financiar não só o ensino fundamental, mas também a educação infantil e o ensino médio.

A colaboração e a solidariedade entre União, Estados e Municípios são pressupostos para o êxito de nossas políticas públicas e, mais que isso, são fundamentais para conquistarmos uma educação continuada e de qualidade.

O ano de 2005 será o ano da Qualidade da Educação no Brasil e o nosso esforço estará concentrado em promover, através da educação, um projeto para desenvolver no Brasil a sociedade do conhecimento que tanto necessitamos.

Lembro um velho e sábio professor indígena que afirmava a seus discípulos:

*... (há) quem não queira que o mundo gire  
e queira que fique parado,  
sem que as coisas mudem.  
Porque, quando o mundo gira,  
ninguém está em cima ou embaixo.  
E se fica parado,  
sempre alguém está em cima  
e alguém está embaixo.  
E sempre são os mesmos os de cima e os de baixo  
se o mundo não gira.*

Conto com todos vocês para que ajudem o nosso governo a fazer, por meio da educação, o Brasil continuar girando rumo a um novo ciclo de desenvolvimento com justiça social.

Eu pensei que o Tarso ia falar e ele não falou. Então, Tarso, permita-me dizer umas coisas, aqui.

Nós mandamos para o Congresso Nacional um projeto chamado ProUni, que é para que a gente consiga vagas para alunos, grande parte da escola



pública, pessoas mais pobres, e também para atender à questão dos negros, dos indígenas. Nós estimávamos que iríamos começar com 40 mil vagas e eu fui surpreendido com a notícia de que já tem 107 mil alunos inscritos para o próximo ano; pessoas que vão estudar, grande parte recebendo bolsa, grande parte, de graça. Eu não sei em que outro momento da história a gente teve, em um único ano, 100 mil novos alunos matriculados, fazendo um curso na universidade. E nós fomos obrigados a fazer isso porque, embora sejamos defensores do ensino público gratuito, sabemos que o estado brasileiro, hoje, uma região como o Sul do país, por exemplo, tem 82% dos alunos universitários em escolas privadas e apenas 18% em escolas públicas. A média brasileira chega a 65%, 67% dos alunos em escolas privadas e o restante em escolas públicas.

A realidade fez com que, ao não podermos construir as universidades públicas que o Brasil tanto necessita, fizéssemos acordos com as universidades, em que o governo abrirá mão de alguma parcela dos impostos que tem a receber e esse benefício será traduzido em vaga e bolsa para as pessoas, sobretudo da escola pública, que não tinham possibilidade de chegar à universidade. O número é muito alentador, a gente não imaginava que chegasse a 50 mil pessoas no primeiro ano; chegamos a 107 mil inscritos, o que demonstra a força de vontade que o povo tem para estudar, se tiver o mínimo de oportunidade.

Uma coisa que nós estamos fazendo, também, e é importante dizer para os governadores, é a extensão de campus das universidades federais de alguns estados, para fazer com que as universidades sejam interiorizadas. Nós já estamos com 13 ou 14 campi para fazer extensão, e isso vai começar no próximo ano. Em Pernambuco mesmo nós fizemos a extensão da Federal Rural para Garanhuns; vamos fazer da Federal para Caruaru. Na região do Vale do Jequitinhonha, que é uma região muito pobre de Minas Gerais, nós vamos levar para Teófilo Otoni uma extensão da Federal, e a vários outros



estados. Criamos a Universidade do Litoral no estado do Paraná, que era uma demanda muito grande. E, certamente, nos estados de vocês, em algum momento, também já teve a conquista dessa extensão.

E a extensão é a forma mais rápida de se começar a fazer um curso numa determinada região do Brasil. Ao invés de um projeto de lei, no Congresso Nacional, aprovando a criação de uma universidade, se a gente faz a extensão de um campus da Federal e começa com três, quatro ou cinco cursos, daqui a pouco estará com quatro, cinco, seis mil alunos numa região que não tinha universidade. Eu penso que levar uma extensão significa atender uma demanda muito grande no interior. Por exemplo, a cidade de Garanhuns: Garanhuns representa 39 municípios com mais de um milhão de habitantes e quem tiver que estudar vai ter que ir para Recife. E deve ter outros estados nessa mesma situação. É importante começar a mapear para saber se a gente consegue distribuir geograficamente, de forma mais justa, as universidades brasileiras, fazer com que a universidade vá até o aluno, ao invés do aluno ter que sair do interior, às vezes percorrendo 1.000 km para ir estudar numa universidade, sem ter condições de se manter na própria capital.

Então, esse é um fato novo, é um fato extremamente importante que nós conseguimos. Com a aprovação do Congresso Nacional, com a vontade política do Ministério da Educação, nós estamos chegando lá.

Uma outra coisa que é importante, e vocês podem nos ajudar, é a questão da formação profissional. Todos vocês sabem que o crescimento econômico veio mais forte do que todos os bons economistas brasileiros previam, tanto da situação quanto da oposição. Todo mundo sabe que quanto mais crescer a economia, mais nós precisaremos de mão-de-obra qualificada. E eu sei que a formação profissional é um dilema de várias regiões e, sobretudo, do interior do país.

Pelos dados do Caged, que mede o saldo positivo entre trabalhadores demitidos e admitidos, nós tivemos até o mês de setembro 1.668.188



trabalhadores com carteira profissional assinada. Dois terços desses trabalhadores estão no interior, não estão nas capitais.

E a formação de mão-de-obra, então, precisa ser mais arrojada. Nós estamos estabelecendo para o próximo ano convênios e acordos com empresas. Nós queremos criar 500 escolas de formação profissional dentro das fábricas, ou seja, no chão de fábrica, para que a gente possa utilizar um espaço já construído, um espaço já existente. Muitas vezes, as fábricas vão dar até os próprios monitores que vão formar os profissionais.

E se vocês tiverem nos estados de vocês alguma empresa que esteja disposta a fazer essa parceria com o Ministério da Educação, nós teremos todo o interesse, porque qualquer cursinho de qualificação profissional significa fazer um trabalhador aumentar o seu padrão de vida, sua remuneração.

E eu me lembro disso porque tínhamos um curso, no sindicato, há muito tempo, que era um curso de Madureza, e eu descobri que eu estava tirando os trabalhadores da categoria para mandá-los para a universidade. Eu resolvi transformar num curso profissional. A gente pegava o ajudante de uma fábrica, dava um cursinho de dois meses para ele e esse trabalhador saía daquele cursinho, passava a ser operador de máquina, praticamente dobrava, em alguns casos até triplicava o seu salário.

Acho que esse é um esforço que não é do Presidente, não é do Ministério da Educação, não é apenas dos governadores, é dos prefeitos, dos empresários e da sociedade brasileira, até porque os empresários serão os grandes beneficiários da boa política de formação profissional que a gente tiver.

Essa liberação de dinheiro é apenas um indício de que nós precisamos ser mais arrojados na educação brasileira. Não basta passar mais um século falando que a educação é a base do desenvolvimento, que a juventude é o futuro da nação, não basta. Já passamos tantos séculos falando isso e não aconteceu. Eu acho que nós temos que, pelo menos, começar a consagrar



medidas que possam significar isso.

E, por fim, Lúcio, você sabe que uma coisa que eu aprendi ao longo desses anos, na minha relação com vocês, alguns até muito antes de eu vir a pensar em ser candidato ou alguma coisa na minha vida, ou até antes de eu pensar em entrar em partido político, eu tenho amizade com vários de vocês. Eu gosto de receber governador, não tenho esse negócio de não receber, até porque eu sei da pressão boa que vocês fazem sobre mim, querendo dinheiro para os estados; quando vocês retornam para os seus estados, vocês não têm nem tempo de comemorar a pressão que fizeram sobre mim, estão lá os prefeitos fazendo pressão sobre vocês, para que vocês dêem parte do dinheiro que pegaram para eles. E os coitados dos prefeitos, nem bem chegam na sua cidade, já está o povo, lá, cobrando o dinheiro que acham que eles foram pegar com o governador.

Essa junção de pressões é o que a gente pode chamar de boa democracia. E, graças a Deus, nós a temos vivido no Brasil.

Muito obrigado e boa sorte para todos nós.